

GILVANE BEZERRA DOS SANTOS

DEBRUÇANDO-SE SOBRE O PASSADO PARA MELHOR COMPREENDER  
O PRESENTE: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ESTADUAL DO CAMPO  
DOIS IRMÃOS – EF

PATO BRANCO

2014

GILVANE BEZERRA DOS SANTOS

DEBRUÇANDO-SE SOBRE O PASSADO PARA MELHOR COMPREENDER  
O PRESENTE: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ESTADUAL DO CAMPO  
DOIS IRMÃOS – EF

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Educação do Campo, no Curso de Especialização em Educação do Campo - EaD, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Fabio de Carvalho  
Messa.

PATO BRANCO

2014

**Debruçando-se sobre o passado para melhor compreender o presente:  
Um estudo de caso na Escola Estadual do Campo Dois Irmãos – EF.**

Gilvane Bezerra dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente artigo teve como foco investigativo a Escola Estadual do Campo Dois Irmãos – Ensino Fundamental, localizada a 8 km da sede do município de São João, Sudoeste do Paraná, bem como os sujeitos envolvidos. Nesse relato procurou-se compreender o universo sociocultural da escola construído ao longo da sua história e os processos de mudanças ocorridos na atualidade. A pesquisa apresenta cunho qualitativo e foi realizada por meio de um estudo de caso, possibilitando delimitar a realidade de forma aberta e flexível, tornando o campo de pesquisa focado na comunidade e escola de modo complexo e contextualizado. Muitos desafios foram encontrados, desde uma reelaboração da proposta pedagógica da escola condizente com as especificidades da escola do campo, a necessidade de formação continuada docente e de gestão, professores urbanos e com grande rotatividade, o comodismo, a falta de disponibilidade de provocar ou promover mudanças, sair da rotina construir o novo.

**Palavras-Chave:** Educação do Campo; contexto histórico; desafios.

**Introdução**

O mundo desde os primórdios vem passando por intensa transformação, essa passa pela ação do tempo histórica e geograficamente, tudo muda inclusive o modo de educar. Devido ao aumento das populações aumenta-se o número de escolas, as tecnologias avançam havendo assim a necessidade de repensar a educação. No campo não é diferente, a ação do homem no meio rural transformou e transforma as paisagens, o crescimento das cidades e as promessas de melhores condições de vida causam o êxodo

---

<sup>1</sup> Pedagoga pela FADEP – Faculdade de Pato Branco, Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Facinter – Faculdade Internacional de Curitiba e acadêmica do curso de Especialização em Educação do Campo pela Universidade Federal do Paraná. Pedagoga na Escola Estadual do Campo Dois Irmãos e na Escola Estadual do Campo José de Anchieta.

rural, as cidades estão inchadas e o campo vazio, com grandes latifundiários e pequenos agricultores que precisam se organizar e buscar condições dignas de sobrevivência, trabalho e educação.

Diante do contexto contemporâneo, pensar a educação do campo para a população do campo não é tarefa fácil, pois essa tarefa volta um olhar sobre o modelo de educação que historicamente tem sido ofertada aos filhos dos trabalhadores do campo e que não satisfaz as necessidades de formação humana e profissional dessa classe social.

Para Caldart, Alentejano, Frigotto e Pereira, (2012) a Educação do Campo é:

Um fenômeno que só pode somente ser compreendido no âmbito contraditório da práxis e considerado seu tempo e contexto de histórico de origem. A essência da Educação do Campo não pode ser apreendida senão no seu movimento real, que implica um conjunto articulado de relações (fundamentalmente contradições) que constituem a prática/projeto/política de educação e cujo sujeito é a classe trabalhadora do campo. (CALDART, ALENTEJANO, FRIGOTTO E PEREIRA, 2012, p. 13)

Deste modo, nesse artigo procurou-se fazer uma construção histórica da Escola Estadual do Campo Dois Irmãos – Ensino Fundamental para então melhor compreender o movimento no qual os sujeitos estavam envolvidos, observando a realidade educacional e familiar com a teoria estudada. A análise foi realizada dentro do contexto da comunidade local, buscando confrontar o passado e o presente e assim verificar como se deu o processo ensino aprendizagem ao longo do tempo e na atualidade.

A temática em questão tem sua relevância na reflexão das modificações ocorridas durante o processo de construção da identidade da escola em estudo. Desta maneira, discutir no presente momento a história dos sujeitos envolvidos, é, no entanto, repensar e reconhecer a dignidade dessa população, portanto procurou-se situar a história sociocultural e política, dos moradores da comunidade onde está localizada a Escola Estadual do Campo Dois Irmãos. Neste entendimento a preocupação foi com a educação do campo, e os desafios encontrados para que se consolide como escola do campo.

Durante o desenvolvimento do estudo procurou-se observar o Projeto Político Pedagógico, os Planos de Trabalho Docente, as Propostas Curriculares, também foi necessário acompanhar o dia a dia da escola, conversar com alunos, professores, ter acesso ao acervo do Museu e ouvir a comunidade, foi fundamental para a construção histórica cultural.

Nesse contexto, a metodologia abordada na investigação foi o estudo de caso de natureza qualitativa, sem deixar quando necessário à utilização e análise dos dados quantitativos a serem produzidos como resultado do trabalho. O estudo de caso como estratégia de pesquisa é o estudo de um caso, simples e específico ou complexo e abstrato e deve ser sempre bem delimitado. Pode ser semelhante a outros, mas é também distinto, pois tem um interesse próprio, único, particular e representa um potencial na educação, ricos em dados descritivos, com um plano aberto e flexível que focaliza a realidade de modo complexo e contextualizado, sendo que a natureza da pesquisa qualitativa se dá numa situação natural, tem muitos dados descritivos, é aberta e flexível. (LUDKE e ANDRÉ,1986).

Nesse sentido, a pesquisa contou com bibliografia pertinente a investigação, a mesma interpôs toda a construção do processo de pesquisa permitindo constituir sensibilidade social, senso crítico, consciência histórica, pois é necessário pensar e repensar a educação do campo com olhar reflexivo e teórico.

### **A Escola Estadual do Campo Dois Irmãos – Ensino Fundamental no Contexto Histórico Geográfico**

Para melhor entender a dinâmica da educação do campo na Escola Estadual do Campo Dois Irmãos necessita-se compreender o contexto espaço-temporal dos sujeitos envolvidos, ou seja, os caminhos percorridos historicamente por esses sujeitos que construíram uma identidade, que hoje está sendo questionada.

Para tanto, fez-se uma viagem no tempo, ao qual se podem observar nitidamente as transformações históricas e geográficas pelas quais a

comunidade de Dois Irmãos, no município de São João, onde está situada a Escola Estadual do Campo Dois Irmãos, passou. Essa comunidade surgiu a partir da migração de gaúchos, advindos de vários lugares do Rio Grande de Sul, chegaram aqui no Sudoeste do Paraná, nas décadas de 30 e 40, encontraram por essas “bandas” muito mato, poucos moradores, e a pequena comunidade de Guabiroba, pertencente ao município de Chopinzinho, na época comarca de Palmas. Compravam enorme quantidade de terras, a baixo custo, ainda com mato virgem, alguns desses se instalaram em Dois Irmãos, dizem que esse nome se originou pelo fato de o terceiro morador já ter encontrado outros dois, um de cada lado do rio, os mesmos eram irmãos. Adquiriam as terras e só então voltavam ao Rio Grande buscar a família, instalavam-se em cabana de chão batido no meio da mata, as quais desbravavam e vendiam muita madeira, a principal era araucária, plantavam milho, feijão, criavam porcos que eram vendidos no município de Chopinzinho a 30 km, como não tinha meio de transporte para levar grandes cargas, os porcos eram levados a pé. Assim foram se estabelecendo, construindo melhores moradias, para registrar seus filhos tinham que ir até o município de Palmas, quase a 100 km, esperavam o nascimento de pelo menos uns dois para aproveitar a viagem que era feita no lombo de cavalo.

O cenário nacional a partir da década de 30 passava a discutir a democratização e o desenvolvimento do país através do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, porém ainda não existia uma política de educação da população rural.

Com o aumento do número de famílias houve o aumento do número de crianças, que precisavam aprender não só “as coisas de crianças” e os afazeres do campo, mas a ler e escrever, portanto houve a necessidade de construir a escola, era simples de madeira e ficava no terreno doado por um dos moradores, o primeiro professor foi o professor Dejandir Alves Livis, carinhosamente conhecido por Professor “Didi”, ele era morador da comunidade e era letrado, portanto habilitado para dar aulas. A escola iniciou suas atividades em 15 de fevereiro de 1952, com o nome de Escola Isolada de Dois Irmãos, era multisseriada, os alunos eram organizados para ajudar nos afazeres da escola, limpar, fazer merenda, puxar água de balde.

O sudoeste do Paraná estava em formação e crescimento, mas em outras partes do país havia um esvaziamento do campo, com a supervalorização dos centros urbanos e a industrialização os trabalhadores rurais e seus filhos eram atraídos para trabalhar nas fábricas, estes passaram a buscar formação para poderem atuar nas funções que o sistema produtivo ofertava então se começou a pensar com mais seriedade na educação rural, essa passou a ser objeto de interesse do Estado, exatamente quando todas as atenções e esperanças se voltavam para o urbano e a ênfase recaía sobre o desenvolvimento industrial. (Damasceno e Beserra, 2004, p.75).

As mudanças e o crescimento eram inevitáveis como o desmatamento para as plantações, isso atraía as madeireiras, a Cerraria Borella se instalou e trouxe uma pequena vila de operários, havia umas quinze casas, ou seja, famílias inteiras. Nesse tempo a comunidade cresceu, a madeira era a principal economia, as cerrarias funcionavam a todo vapor, já funcionavam a escola, a igreja os bares, as pessoas andavam armadas, frequentavam bailes, jogos de futebol, as chamadas “*carreiras*” corridas de cavalo, rinha de galo. O município cresceu já tinha se emancipado e se chamava São João, havia comércio, carros, hospital hotel, e a comunidade de Dois Irmãos passou a Distrito tendo como formação a própria comunidade como sede e as comunidades vizinhas de Santo Antonio, Linha Kalinke, Bela Vista, Linha Esperança e Porto Velho, essas comunidades mais tarde passaram a ter suas escolinhas municipais rurais.

Vale lembrar, baseado no texto da tese de Mestrado de Ires Gomes, em 1957 acontecia A Revolta dos Posseiros, luta contra os latifundiários e monopolistas que queriam tomar posse das terras dos colonos, essa luta aconteceu nos municípios do Sudoeste precisamente Santo Antonio do Sudoeste, Francisco Beltrão, Pato Branco, Verê, culminando em protesto armado, (espingardas de caça, ferramentas, foices, facões, enxadas, etc.) datado em 11 de outubro de 1957, com cerca seis mil colonos participando. Houve muitos protestos ao longo dos anos seguintes, foram lutas árduas, muitos colonos perderam a vida por armas de jagunços que trabalhavam para as empresas monopolistas, só depois de anos conseguiram que todas as suas solicitações fossem cumpridas. No município de São João não houve protesto, porém colonos da comunidade de Ouro Verde foram assassinados pelos

jagunços da Citla – Empresa proprietária das glebas Missões e Chopim, antes pertencentes a outras empresas, essas foram adquiridas irregularmente, eram a região de terras do Sudoeste do Paraná. O Distrito de Dois Irmãos que faz divisa por água pelo Rio Chopim, com o município do Verê, ficou agitado alguns moradores convocados pelos líderes do Verê, se reuniam a noite para proteger suas fronteiras dos perigos da revolta e dos jagunços da Citla. De acordo com Tafarel e Molina (2012) as Leis são asseguradas pelos aparatos legais, ou, então, por aparatos que se imponham mediante rebeliões ou insurreições, coerção ou cooptação à vontade de uns (classe dominante) da vontade de outros (classe trabalhadora). Portanto a luta pela terra e por direitos de igualdade foi sentida e vivenciada pela comunidade.

Como tudo passava por transformações com a escola não foi diferente, foi necessário construir escola nova maior, de alvenaria a mesma ficava em frente a cerraria, o mesmo local em que está situada hoje. No ano de 1970 a escola passou a ser chamada Escola Rural Estadual de Dois Irmãos, ofertando ensino de 1º ao 5º ano, em 1976 iniciou-se nesta escola uma extensão do Ginásio Estadual Princesa Isabel, que tinha localização na sede do município, onde a Escola também passou a ofertar o ensino de 1º ao 4º ciclo do Ensino Médio, recebia os alunos das comunidades que formavam o distrito e outras que ficavam próximas como Linha Cassol, Linha Água Azul, Linha Cristo Rei, Funcionando a 1ª turma, no período noturno, o que equivale hoje a 5ª série do Ensino Fundamental, tendo como responsável pela extensão, a diretora do Ginásio Estadual Princesa Isabel, a Professora Íris Terezinha Balbinot Policeno e a responsabilidade pela escola que ofertava o ensino de 1º ao 5º ano era da Secretaria de Educação e Cultura / Departamento de Educação – Divisão de Ensino Primário na pessoa do Inspetor de Ensino Municipal. A escola da época era a escola da ditadura civil-militar, a educação Politécnica que segundo Saviani (2003) traduzia os interesses da classe trabalhadora na crítica a fragmentação dos conhecimentos, a separação entre educação geral e específica, entre técnica e política e a divisão entre trabalho manual e intelectual. (Frigotto *apud* Saviani, 2012, p.277)

Na escola as crianças estudavam a cartilha, brincavam de escorregar no barranco, de roda, amarelinha, policia e ladrão, jogavam caçador, em casa construía seus brinquedos entre um afazer e outro, trabalhavam na roça, em



casa e ainda estudavam. Pois, as crianças da roça até hoje brincam e se comunicam com seus pares ao mesmo tempo em que convivem com seus outros papéis, suas funções dentro de sua comunidade familiar, o cumprimento de suas tarefas. (Benjamim, 1984, p. 70)

A vila estava maior, tinha hotel, cartório, armazém de secos e molhados, mercado, time de futebol e Clube de Danças o 1º de Maio, moinho colonial, e da Cerraria sobrou uns 3 moradores, os donos já tinham ido embora a muito tempo e levado todos o lucro junto, nada ficou na comunidade, somente os trilhos onde a madeira corria e que serviu por muito tempo para brincadeiras das crianças nos finais de semana, na vila já havia luz elétrica, mas muitos moradores dos arredores utilizavam-se de lampiões a gás as comunidades eram interligadas por estradas vicinais, onde trafegavam caminhões carros, carroças, o chamado progresso acontecia.

No final da década de 80 houve no município de São João um Movimento dos Sem Terra o MST, formou-se um acampamento nas proximidades do Distrito de Vila Paraíso, a beira da rodovia, muitos colonos das comunidades do município participaram mesmo aqueles que tinham terras, pois acreditavam que conseguiriam mais um terreno, houve protestos e confusões, é por isso que muitos dos professores tem uma visão deturpada do MST, pois os integrantes eram vistos como baderneiros e aproveitadores a experiência que o município passou não foi das melhores, porém quando se pensa em educação do campo, não podemos desatrelar a luta do MST, pois a educação do campo só se tornou o que é devido a esse trabalhadores incansáveis na luta por direitos e igualdade no campo.

Em 19 de outubro de 1979 foi aprovada a implantação do ensino de 1ª a 8ª séries através do parecer nº 161/79 e em 03/12/1979 foi homologado o funcionamento do ensino de 1ª a 8ª séries através da resolução 1911/79, porém em 24/11/1982 pela resolução 3086/82 obteve-se a autorização de funcionamento do ensino de 1ª a 8ª séries, passando a escola a designar-se Escola Estadual de Dois Irmãos – Ensino de 1º Grau. Em decorrência do disposto nesta Resolução, ficou extinta a “extensão” da Escola Estadual Princesa Isabel - Ensino de 1º Grau, em funcionamento no Distrito de Dois Irmãos, município de São João. E apenas em 26 de novembro de 1986 foi homologado o plano de implantação do ensino de 1ª a 8ª séries pela resolução

5091/86. Em 10 de junho de 1987, aconteceu o reconhecimento do estabelecimento de ensino e do curso pela resolução 2392/1987. O contexto da educação nacional na década de 80 e 90 era pensado através dos impactos na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e do Plano Nacional de Educação, que tinha uma visão ideológica econômica de capital humano.

As diretoras e os professores de 1ª a 8ª séries vinham todos da cidade, pois a escola não tinha secretaria própria e toda a papelada ainda estava na outra escola, porém uma diretora que foi designada em 1984 a Professora Maria Dirce Granado, morou na comunidade em frente à escola, e neste ano foi construída com recursos da Prefeitura Municipal uma secretaria para a escola. Muitos professores passaram pela direção, uns foram indicados outros a partir de 1995 passaram a concorrer ao cargo de eleição direta e secreta.

Para Paulo Freire *apud* Arelaro, 2012: a organização democrática necessita ser falada, vivida e afirmada na ação tal como a democracia em geral:

A educação para e pela cidadania democrática não é algo que possa ser restringido à escola e seus atores escolares. [...] Trata-se de uma invenção social que exige um saber político, gestando-se na prática de por ela lutar, a que se junta a prática de por ela refletir.[...] ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. É decidindo que se aprende a decidir. (FREIRE,1996, p.146)

É por isso que a educação democrática demanda briga por ela, pois é uma construção sempre inacabada requerendo engajamento, coerência, clareza política e decisão.

No ano de 2005, houve eleição para diretores de escola, e foi à única vez que teve duas candidatas a direção, sendo que a atual diretora foi eleita e está até hoje na função, ou seja, já está fazendo oito anos que está à frente da escola.

Muitas transformações físicas, sociais e culturais aconteceram na escola durante todos esses anos, como em toda a comunidade, hoje pouca coisa tem do passado, no lugar das matas, há plantações de soja, milho; no lugar das juntas de bois, modernos tratores, plantadeiras, colheitadeiras; no lugar da

vaquinha de leite, há produtores de leite, e vários caminhões de laticínios trafegando de madrugada; no lugar das galinhas caipiras, “raras”, os aviários computadorizados; no lugar da pequena Cooperativa existe uma grande Cooperativa Agroindustrializada que exporta seus produtos para o mundo.

É muito importante ressaltar uma mudança que vem ocorrendo com o tempo, como já foi dito no início da comunidade as famílias eram numerosas, e se multiplicavam, com o êxodo rural devido à venda de pequenas propriedades para os colonos mais fortes, pois não são grandes latifúndios, porém estão disfarçados de agronegócio, a população e as moradias da comunidade e arredores diminuíram significativamente, é comum ver moradias e escolas rurais que foram fechadas com a Nuclearização do Ensino e a política do transporte escolar, hoje estão abandonadas, tomadas pelo mato ou já nem existem, porém ainda estão na memória de muitos. Essas mudanças afetaram em cheio a escola, pois o número de alunos tem diminuído gradativamente, em 2005: 73 alunos; 2006: 64 alunos; 2007: 61 alunos; 2008: 61 alunos; 2009: 48 alunos; 2010: 56 alunos; 2011: 72 alunos; 2012: 75 alunos; 2013: 80 alunos.

Para Oliveira e Campos, (2012), podemos constatar a triste realidade do êxodo rural tomando a insuficiente política de educação do campo como exemplo do descaso que, durante séculos, os povos do campo foram tratados pelo poder público, mesmo que nos últimos dez anos tenham obtido conquistas.

Essa diminuição de clientela é preocupante e tem deixado à escola em alerta todos os anos, porém em 2011 com o processo de mudança de nomenclatura, a escola passou para Escola Estadual do Campo Dois Irmãos, através da Instrução Conjunta nº 001/2010- SEED/SUDE/SUED, Resolução SEED nº 4.783/10-28/10/2010, Decreto 7.352/10-Educação do Campo e PRONERA, Parecer CEE/CEB nº 1011/2010 de 06/10/2010, foi realizado o pedido para mudança de nomenclatura a Escola passou a Escola Estadual do Campo Dois Irmãos. O Núcleo Regional solicitou as mudanças no Regimento e Escolar, mudanças essas que vem determinada pela Secretaria de Estado da Educação, também solicitaram em 2012, adendo ao Projeto Político Pedagógico sobre a Educação do Campo, portanto uma mudança de nomenclatura somente, para garantir que a escola não feche, pois os desafios

pedagógicos são grandes para que se intensifique como uma verdadeira escola do campo.

No ano de 2013 a escola passou a funcionar no período de contraturno com as Atividades Complementares de Xadrez, Esportes, Sala de Apoio de Língua Portuguesa e Matemática, e Celem – Espanhol.

Portanto as transformações ocorridas até aqui retratam o contexto em que a referida escola está inserida, pois, como Paulo Freire diz em sua poesia:

[...] ... escola não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos

... escola é sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que alegre, se conhece, se estima.

### **Um enfoque no contexto contemporâneo**

O campo constitui-se em universo socialmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira e ao contexto atual globalizado, não se quer um universo isolado, autônomo em relação ao conjunto social, que seja exclusivo, porém o campo mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas que o diferenciam.

Portanto a Escola Estadual do Campo Dois Irmãos hoje se pode dizer que passa por uma metamorfose, porém ainda se encontra na forma de um casulo, fechado, esperando o processo de transformação natural acontecer. É urgente que se aprese o rompimento, pois a escola conta com uma clientela de 74 alunos matriculados sendo que 15 destes vêm da cidade e os outros da comunidade local e comunidades vizinhas, todos participam das aulas no turno da manhã com as disciplinas do currículo, e no contraturno a escola está ofertando o Programa Mais Educação<sup>2</sup>, ou seja, os alunos estão todos matriculados nas atividades de: Xadrez, Teatro, Futsal, Campos do Conhecimento divididos em duas turmas de 30 e poucos alunos cada,

---

<sup>2</sup> O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e pelo Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010, que se configura numa ação do Governo Federal para fomentar estratégias de implantação de experiências de educação integral em jornada ampliada nas escolas públicas estaduais e municipais do país.

Treinamento Esportivo de Voleibol uma turmas de 15 meninas, Atividade Complementar de Futsal 25 meninos, porém poucos estão participando ativamente, uns os pais não permitem, pois precisam dos mesmos em casa para ajudá-los em pequenos afazeres, e outros não querem participar os pais, porém não incentivam. Pode-se observar que não se aderiu a nenhuma atividade voltada à prática do campo, mesmo o programa disponibilizando atividades como canteiros sustentáveis, horta entre outras.

Di Pierro *apud* Oliveira e Campos, 2012, ressalta no que diz respeito à realidade das escolas do campo:

[...] a extensa demanda potencial não atendida e as oportunidades existentes são insignificantes, marcadas pela precariedade das instalações físicas e do preparo dos docentes para a etapa ou nível de ensino que atuam. A oferta insuficiente de atendimento soma-se a inadequação de currículos, da organização escolar, e da prática pedagógica, bem como a presença de materiais didáticos contextualizados. (DI PIERRO, 2006, p.11)

Quanto à precariedade, a Escola Estadual do Campo Dois Irmãos tendo em vista que a escola está passando por reformas de melhoria em sua estrutura física, conta com seis salas de aula, duas secretarias, duas salas de professores, um laboratório de informática, uma cozinha, quatro banheiros, e um amplo saguão com espaço pra almoço, um parquinho, e área aberta ampla, também conta com um Centro de Múltiplo Uso, com quadra de Esportes, arquibancadas, palco, dois vestiários com quatro banheiros, uma cozinha, cinco salas pequenas, sendo três utilizadas para aulas de contraturno, uma para depósito, e uma para o Museu, projeto desenvolvido por uma professora de história. Porém esse espaço não oferece condições dignas de sala de aula, é pouco ventilada, empoeirada devido à estrada de chão estar ao lado, a acústica é péssima não tem acesso às tecnologias como computadores, internet, televisores. É importante ressaltar que a escola divide o espaço com a escola municipal que funciona em período integral. Já no que se refere ao quadro de funcionários a escola está bem amparada, contam com uma diretora vinte horas, duas pedagogas uma no turno matutino outra no vespertino, dois secretários manhã e um tarde, três funcionárias da limpeza e cozinha nos dois turnos e trabalham em conjunto com quatro funcionárias do município, onze

professores pela manhã nas disciplinas do currículo normal, destes quatro são concursados, os outros são contratados e um tem o padrão na escola. A tarde são dez professores todos contratados para atividades de contraturno, porém todos já concluíram a faculdade. Diretores, professores e três funcionários vêm da zona urbana, cinco vem da zona urbana de outros municípios, uma pedagoga e duas funcionárias são da comunidade. A escola conta com 74 alunos matriculados sendo que 15 destes são da cidade e os outros da comunidade local e comunidades vizinhas. No entanto, a escola está localizada no campo e necessitou buscar alunos na cidade para poder se manter, porém não apresenta em seu currículo especificidades que condizem com uma educação no campo, sendo que a realidade do campo constitui-se na particularidade dada pela vida real dos sujeitos, que são o ponto de partida e chegada dos processos educativos. (Caldart, Pereira, Alentejano e Frigotto, 2012, p.14).

Considerando que o município de São João apresenta em sua geografia 90% de sua área rural, e sobrevive da agricultura, ele é um município do campo, e esses quinze alunos provenientes da cidade podem ser considerados sujeitos do campo, quando inseridos em uma escola do campo devem adequar-se suas normas e currículo que estão submetidas, é claro que deve se considerar suas especificidades como todos os outros, de maneira alguma se pode excluí-los, porém o que não pode acontecer é deixar de tratar das especificidades da educação do campo devido a eles ter vindo vivenciar a prática educativa da escola.

A identidade da educação do campo propõe a escola assumir seu papel diante da diversidade educacional, essa, porém não pode mais continuar ignorando os acontecimentos que circundam nossa sociedade; se a sociedade muda, ela tem a obrigação de mudar também. Se a sociedade somos todos, a escola é para todos. O povo tem o direito de ser educado no lugar onde vive, com uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada a sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais.

Roseli Salete Caldart confirma isso quando descreve:

[...] a escola é um lugar fundamental de educação do povo, exatamente porque se constitui como um tempo e um espaço de processos socioculturais, que interferem significativamente

na formação e no fortalecimento dos sujeitos sociais que dela participam. (CALDART, 2004, p. 91).

Esses sujeitos são originalmente filhos de pequenos agricultores, outros em pequena percentagem são arrendatários ou empregados, alguns trabalham de funcionários em empresas na sede do município, principalmente no Frigorífico, porém continuam residindo na comunidade. Enfim, são pessoas que valorizam o lugar onde vivem e suas raízes, ligados a vida do campo, trabalham e retiram da terra o próprio sustento, sendo que existe uma grande diversidade de alternativas de vida no meio rural, plantam a terra realizam o cultivo de soja, milho, trigo, aveia e feijão. E, os que desenvolvem outras atividades trabalham com o manejo do gado leiteiro; criação de frango de corte; o cultivo de frutas, verduras e legumes são para o próprio consumo, porém é muito comum ver esses agricultores comprando verduras e legumes, carne e até ovos no supermercado, são poucos os que produzem, uma das causas é que se não tiver o uso de agrotóxicos não se consegue que desenvolvam, outra causa é o consumo exagerado de agrotóxicos nas lavouras de soja que afetam as plantas mais sensíveis no caso às hortaliças. Alguns anos era comum a industrialização caseira de produtos naturais para fornecer a compra direta e ao comércio em geral, eram realizados cursos para o aprendizado desses produtos através dos clubes de mães, associação das cooperativistas, isso não acontece mais, hoje esses grupos estão direcionados para o agronegócio, e eventos culturais que trazem diversão e melhor qualidade de vida.

Segundo Leite e Medeiros, 2012:

O MST, Movimento dos trabalhadores sem Terra, em 2000 já alertavam que cada vez menos o adversário aparece como sendo o latifúndio e cada vez mais é o agronegócio... e o modelo do agronegócio passa a contrapor o modelo agroecológico, pautado na valorização da agricultura camponesa.(LEITE E MEDEIROS, 2012, p.85).

Como vemos perdeu-se muito da cultura de produção caseira, até os famosos pães caseiros não são tão fáceis de encontrar, pois as panificadoras

passam até três vezes na semana fazendo todo o interior, é mais fácil comprar, sobra mais tempo pra outras atividades. Quem produz queijo não vence fazer a procura é grande, devido à venda do leite aos laticínios, ovos de galinha caipira é quase considerado raro, grande parte dos colonos tem galinha poedeira, a piscicultura é para consumo próprio. As crianças desde pequenos ajudam nos trabalhos domésticos e participam das atividades no meio familiar, buscando manter a cultura e a valorização dos costumes, muita coisa se perdeu com o avanço da tecnologia, hoje a maioria dos alunos tem acesso a celular, metade tem computador em casa um grande número com acesso a internet, alguns já tem TV a cabo, sem falar é claro das colheitadeiras, tratores, aviários que já estão vindos computadorizados.

Tendo em vista que a escola é o local onde se produz e se amplia o conhecimento, é necessário partir da realidade histórica do educando do campo, daquilo que tenha significado para a comunidade escolar. Para isso é *mister* ouvir os sujeitos envolvidos nesse processo, seja ele educando, professor ou pais, para tanto, o procedimento essencial é a escuta, que leva à reflexão e ao diálogo, possibilitando uma educação crítica baseada na problematização do conhecimento.

Diante disso, observa-se que esses filhos de agricultores percebem a amplitude de trabalhos que podem ser desenvolvidos no campo, porém percebem também que se trata de um trabalho pouco valorizado e pode-se dizer até que a política do campo é uma forma de exploração, e é isso que está levando a maioria dos adolescentes a trocar o campo pela cidade. A adolescência não é reconhecida, porque se insere precocemente no trabalho, e a juventude se identifica com a vida adulta precocemente, isso é o resultado de um processo de não reconhecimento desses povos como sujeitos de direito. Nesse sentido Cavalcante e Silva, 2010, diz que se nega o direito de pensar o mundo a partir de onde vivem e de sua realidade, além de subtrair-lhes um tempo que poderia ser o tempo de ser jovem.

Essa realidade está explícita nas comunidades aos arredores da escola, pois temos muitos casais que tiveram três ou mais filhos e hoje estão sozinhos, os filhos casaram e foram para os centros urbanos em busca de uma vida com melhores condições financeiras. Por outro lado já observamos pequenas



mudanças nesse sentido, muitos filhos estão indo fazer faculdade e retornando trabalhar com seus pais.

Por sua vez, a escola como espaço de construção do conhecimento não pode perder a oportunidade apresentada, de contribuir no crescimento do educando do campo para que ele goste de viver aqui, porém requer trabalhar com um currículo alienante, voltado ao urbano, totalmente deslocado da realidade e necessidades do campo. Isso faz parte de um modelo de desenvolvimento econômico capitalista, partindo do princípio que o espaço urbano serve de modelo ideal para o desenvolvimento humano, descaracterizando assim, a identidade dos povos do campo, corrompendo sua cultura.

Assim, observou-se que o Projeto Político Pedagógico, as Propostas Curriculares, os Planos de Trabalhos Docentes e o Calendário Escolar não estão adequados às especificidades do campo, tampouco a realidade local, estão desatualizadas.

O Decreto Presidencial N° 7352 de 04 de novembro de 2010, prevê, no Art. 2º, como princípios da educação do campo:

- I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;
- II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógico específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;
- III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;
- IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; e
- V - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo (BRASIL, 2010, p.01).

Neste mesmo sentido, o Art. 5º das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo prevê que:

As propostas pedagógicas das escolas do campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade e cumprindo imediata e plenamente o estabelecido nos artigos 23, 26 e 28 da Lei 9.394, de 1996, contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia (BRASIL, 2002, p. 01).

No entanto a fica claro que a escola não se adequou as leis da educação do campo, pois existem muitas barreiras que precisam ser superadas, o que fez foi somente uma mudança de nomenclatura, pois os desafios são imensos. Começando com a alta rotatividade de professores, como vimos à escola só tem uma professora com padrão fixo, agora já conta com as duas pedagogas com o padrão lotado no estabelecimento, a própria diretora não está lotada na escola. Outra dificuldade é a formação, em 2012 as outras três escolas do campo do município fizeram uma formação na semana pedagógica voltada para a educação do campo, preocupados em como se adequar a nova realidade, de nomenclatura, a escola em estudo participou, porém não ativamente, percebe-se até hoje uma falta de interesse em se inteirar, conhecer e tentar mudar sua visão. No ano de 2013, tentaram-se mudanças do Projeto Político Pedagógico, foi realizado um questionário socioeducativo com alunos, com os pais questionário socioeconômico, e com os professores suas concepções pedagógicas, (esse nem foi entregue aos professores), para ter um diagnóstico da realidade, a maioria desses dados constam nessa pesquisa. Porém quando foi proposto o estudo desse diagnóstico no início do segundo semestre não houve aprofundamento, faltou interesse, o que foi feito, lançaram-se os dados no Projeto Político Pedagógico, mudou-se algumas pequenas coisas e o grande questionamento de como trabalhar com essa realidade ficou sem resposta. O material é rico, mas é visível o desinteresse, não se quer mudar, veem-se pelas Propostas de Trabalho Docente com o nome de outra escola, e a realidade do educando? Os professores ainda ensinam da mesma maneira que na década de 80, poucos mudaram mesmo os professores que tem saído da faculdade há pouco tempo

tem tido dificuldades em ensinar, tem medo de perder o controle, enquanto isso os educandos estão à mercê de um ensino que não contribui para o seu crescimento de homem do campo.

Para Arroyo, 2012:

É necessário superar o protótipo único do docente, as consequências persistem: a formação privilegia a formação urbana, vê os povos-escolas do campo como uma espécie em extinção e privilegia exportar para as escolas do campo professores da cidade que não tem vínculos com a cultura e os saberes da escola do campo. As consequências mais graves são a instabilidade desse corpo de professores urbanos e a não conformação de um corpo de profissionais identificados e formados para a garantia e direito a educação básica dos povos do campo. Assim, um sistema específico de escolas do campo não se consolida. (ARROYO, 2012, p.359)

É urgente investir na formação dos professores, qualificá-los para que possam trabalhar com a complexa demanda da diversidade do campo brasileiro, também aqui se acrescenta a formação dos gestores das escolas do campo. Desse modo Oliveira e Campos, 2012 enfatizam os principais desafios para a consolidação da educação básica do campo encontrados pelos agricultores familiares, quilombolas, sem-terra, indígenas, mestiços, agricultores urbanos, juventude rural e outras formas identitárias, sujeitos que buscam se afirmar como povos do campo:

A ampliação da educação infantil, do segundo segmento do ensino fundamental e do ensino médio para os sujeitos do campo; o investimento na formação inicial e continuada de educadores do campo; a construção de materiais didáticos contextualizados e a implementação de metodologias ativas e participativas; o investimento na formação dos gestores das escolas do campo; a implementação da pedagogia da alternância nas escolas do campo referenciando-se em documentos oficiais; a constituição de coordenações de Educação do Campo no âmbito das secretarias municipais e estaduais de Educação; a institucionalização de diretrizes de Educação do Campo no âmbito dos planos municipais e estaduais de Educação; abertura de concursos públicos específicos. (OLIVEIRA e CAMPOS, 2012, p. 242 , 243).

Portanto, a escola Estadual do Campo Dois Irmãos encontra os mesmos desafios citados pelos autores, principalmente no que concerne a formação de professores e gestores, os materiais didáticos e as metodologias utilizadas, o próprio currículo, pois esses são os grandes empecilhos na construção da identidade da referida escola. Partindo dessas reflexões podemos perceber que a educação do campo da escola não está vinculada às especificidades do homem do campo, pois não considera as características típicas ao seu modo de viver, valores, crenças, formas de articulação organizacional, familiar e de trabalhos próprios de sua identidade cultural.

### **Considerações Finais**

As transformações nas escolas do campo são um assunto que tem tomado grande dimensão no meio intelectual, isso se deve ao processo de mudanças no contexto social do campo. Fica óbvio que não se deve mais pensar as populações do campo como povo atrasado, desinformado, “Jeca”, que ainda vivem da agricultura de subsistência, nada disso, o que se revela e percebe-se é uma busca por parte dos próprios povos pelo conhecimento, e conhecimento se dá através da escola.

Visto que, a escola se reproduz a partir do contexto em que está inserida e partindo do pressuposto que a escola só se efetiva a partir de política pública que pense a educação a partir de suas especificidades como sujeitos do campo é que se pode repensar na formação e emancipação da população do campo. Construir só escolas inclusivas no campo não basta, requer pensar desde o projeto político pedagógico até as concepções de formação que a escola está disposta a ter. Por isso faz-se necessário buscar metodologias que estejam contextualizadas, valorizem a vida do sujeito do campo, considerando suas práticas sociais valorizando a relação educação e produção. Buscar a formação específica para professores e gestores que atuam nas escolas do campo, possibilitando o conhecimento da singularidade do campo, só assim poderá intervir no processo educativo com postura crítica e reflexiva tendo consciência de sua prática como educador do campo.

Assim, a educação do campo na escola deve ser vista a partir de sua própria organização, do contrário continua-se a reproduzir um modelo ultrapassado de educação e transplantando a cultura escolar urbana para a rural, acarretando danos irreparáveis aos sujeitos do campo, que precisam ser valorizados reconhecidos como tal, respeitando suas particularidades e especificidades.

Enfim, pensar a Escola Estadual do Campo Dois Irmãos, dentro de um contexto histórico geográfico, possibilitou melhor compreensão da dimensão em que a educação do campo se encontra. Permitiu sentir as dificuldades encontradas ao longo dos anos em que a escola se efetivava, ver que as conquistas vieram da luta de um povo em busca de igualdade de direitos, respeito e educação, e ter a certeza que mais do que nunca é necessário hoje, fazer a educação do campo, acontecer na prática, para que não se perca a identidade conquistada.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. A escola do campo e a pesquisa do campo: metas. In: MOLINA, Mônica C. **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006, p.103-116.

BENJAMIM, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo, Summus, 1984.

BRASIL. Decreto Lei Nº 7.352. **Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa de Educação na Reforma Agrária (PRONERA)**. De 04 de novembro de 2010.

BRASIL. Resolução CNE/CEBB Nº 01. **Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. De 03 de abril de 2012.

CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Jorge Edgar; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília: DF, 2002.

\_\_\_\_\_. Sobre Educação do Campo. In.: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). **Campo. Políticas públicas: educação**. Brasília: Incra-MDA, 2008, p. 67-86. (Por uma Educação do Campo, n. 7. Coleção).

CALDART, R. S; PEREIRA, I. B; ALENTEJANO, P; FRIGOTTO, G. Organizadores. **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de São Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CAVALCANTE, G. C; Silva, M. da G. **O campo vai à cidade**: escola nucleada urbana e o (des) encontro de saberes e prática educativas In: Seminário de Educação de Adultos da PUC-Rio, 1. Rio de Janeiro. Anais... Rio e Janeiro: PPUC/Ned, 2010.

ESCOLA ESTADUAL DO CAMPO DOIS IRMÃOS. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual do Campo Dois Irmãos – Ensino Fundamental**. São João, 2014.

LUDKE, Menga. & ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.